

Conclusão

O problema da água em Cabo Verde é histórico. Sem chuvas regularmente repartidas no decurso do ano e dos anos, onde escasseiam solos profundos, o arquipélago é uma região singularmente desfavorecida. Os anos secos sempre foram sinónimo de fome, miséria e emigração. A arduidade da natureza só é vencida à custa da tenacidade, argúcia e duro esforço dos que vivem e trabalham a terra.

A sobriedade imposta por uma agricultura em luta com a aridez torna a gestão da terra um assunto fulcral. A perda de produtividade do solo e, nos casos mais graves, a desertificação, pode ser detida e, deste modo, a terra danificada pode ser corrigida com os conhecimentos atuais.

São inúmeros os exemplos em que o papel da inovação tecnológica tem contribuído não só para a redução da ameaça face à perda de produtividade, mas também se tem revelado um fator fundamental para restituir às terras degradadas um incremento na produção.

São vários os exemplos da intervenção do Homem em que, perante problemas de degradação e produtividade do solo, a situação melhorou. Também, casos há, em que piorou. É certo que a intervenção paliativa, geralmente de curto prazo, está de algum modo desacreditada, mas, pelo contrário, a introdução de tecnologia, cuidadosamente planeada, pode ser altamente benéfica.

No que respeita à tecnologia, esta pode ser tão simples como: (1) a rotação de pastagens na exploração pecuária; (2) a construção de socalcos, ou (3) o recurso à computação em sistemas de monitorização aplicados à água de rega. Deste modo, a tecnologia apropriada, do ponto de vista da sua respetiva complexidade e custo, pode ser simples, intermédia ou avançada, barata ou dispendiosa, mas qualquer delas será apropriada sob determinado conjunto de circunstâncias e contextos, e não necessariamente apropriada sob outros.

Nada nos garante que as chuvas em Cabo Verde, e em São Vicente em particular, tendam a diminuir no futuro, nem mesmo que os episódios de precipitação se tornem mais intensos e concentrados. Todavia, como são inúmeros os exemplos de episódios de chuvas muito intensas no passado, há, portanto, que ter a consciência da importância da componente natural do risco.

A grande diferença da cidade de Mindelo, entre o passado e hoje, está no seu crescimento. Poder-se-á falar num agravamento do risco de cheias e de inundações rápidas? Provavelmente, sim, pois são vários os canais, que foram construídos com o intuito de conduzir a água até ao mar e de melhorar as condições de escoamento, mas que se encontram ocupados por habitações, e até truncados por importantes vias de comunicação.

Por outro lado, o crescimento da cidade foi e vai conquistando áreas mais íngremes. Haverá, então, como consequência, um aumento das vulnerabilidades? Não obrigatoriamente, pois, em larga medida, ele dependerá da forma como se encarem e reduzam essas possíveis vulnerabilidades, ou seja, da forma como o território e, em particular, a cidade, se organizarão, designadamente em termos de estruturação e planeamento, bem como na redução da pobreza, na implementação de estratégias de comunicação do risco e de planos que contrariem o rápido crescimento de habitações ilegais e, ainda, na forma como a população percebe o risco. Independente das diferentes ações a implementar para gestão dos riscos, elas só terão sucesso se contarem com a participação voluntária da população.

As vulnerabilidades associadas aos riscos naturais, não dependem do fenómeno natural extraordinário ou “normal”, mas sim da capacidade organizativa do grupo, da facilidade de acesso ao conhecimento e à informação, das infraestruturas existentes e da capacidade financeira, que, no conjunto, refletem as características sociodemográficas e o estado civilizacional da população residente nas áreas que possam ser afetadas pelas manifestações do risco.